

Máquinas de guerra e sua potência revolucionária: produção-escrita como afirmação da vida

War machines and their revolutionary potency: written production as an affirmation of life

Amanda Soares Mantovani¹

Universidade Federal de Catalão - UFCAT
amandamantovani25@gmail.com

Marcelo Vinicius Costa Amorim²

Universidade Federal de Catalão - UFCAT
m.viniciuh@gmail.com

RESUMO: Considerando a potência revolucionária e as singularidades das diversas máquinas de guerra, almejamos discorrer acerca da escrita enquanto objeto e foco do presente estudo. Pensando com e a partir da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e também acionando ferramentas de análise advindas da arqueogenealogia de Michel Foucault, como sujeito, relações de poder e práticas de resistência, vislumbramos perceber e depreender de que maneira(s) a escrita pode ser prática de resistência e técnica de afirmação da vida. Para tanto, não nos lançaremos a análises de uma materialidade específica privilegiando uma noção ou 'conceito', mas ora ou outra traremos sequências enunciativas a fim de exemplificar como a máquina de guerra escrita detém condições revolucionárias e inventivas, funcionando como uma resposta às condições de adoecimento e morte em tempos contemporâneos. Desse modo, utilizaremos as produções-escrita de Manoel de Barros e de Luiza Romão por acreditarmos que são legítimas máquinas de guerra e que, cada qual em seu próprio fluxo, protagonizam operações enquanto literatura menor, com suas intensidades e efeitos de sentido próprios, traçando seus processos e lutas políticas em jogos de experimentação.

Palavras-chave: Máquina de guerra; Escrita; Manoel de Barros; Luiza Romão; Tempos contemporâneos.

ABSTRACT: Considering the revolutionary power and the singularities of the different war machines, we aim to discuss on writing as the object and focus of the present study. Thinking with and from the philosophy of Gilles Deleuze and Félix Guattari, and also using analysis tools from Michel Foucault's archeogenealogy, such as a subject, power relations and resistance practices, we envision perceiving and understanding in which way writing can be a resistance practice and life-affirming technique. To this end, we will not launch ourselves into analyzes of a specific materiality privileging a notion or 'concept', but we will sometimes bring enunciative sequences in order to exemplify how the written war machine holds revolutionary and inventive conditions, functioning as a response

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Graduada em Letras, Português e Inglês pela mesma instituição. Bolsista CAPES.

² Doutorando e mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Graduado em Psicologia, bacharelado e licenciatura, pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (UFG - RC).

to the illness conditions and death in the contemporaneity. In this way, we will use the written productions of Manoel de Barros and Luiza Romão because we for that they are legitimate war machines and that they carry out operations as minor literature, each in their own flow, with their own intensities and effects, tracing their political processes and struggles in experimentation games.

Keywords: War machines; Writing; Manoel de Barros; Luiza Romão; Contemporary Times.

A escrita como máquina de guerra

O grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma.

(DELEUZE; PARNET, 1998, p. 62)

Pensar a noção de máquina de guerra a partir da filosofia desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari é considerar a existência do ato revolucionário, do movimento de resistência que entra em combate com as forças sociais, políticas e afetivas que se engendram historicamente em dispositivos que disciplinarizam, agenciam e controlam os corpos. Tramas que em seus entrecruzamentos com distintos elementos sustentam as mais diversas técnicas de controle. Assim, a concepção de máquina de guerra muito se aproxima dos movimentos produzidos com as potências e fluxos inerentes às linhas de fuga, que podem transpassar pelos dispositivos, constituindo fios de forças para práticas de resistência. Em todo caso, dificilmente poderíamos, de maneira apriorística, elencar as características de toda e qualquer máquina de guerra, tampouco sabermos de antemão a natureza de qualquer linha de fuga. Ou seja, não há um quadro que protocola antecipadamente os aspectos para compararmos que isso ou aquilo funcione de fato como máquina de guerra.

Nesse viés, a partir da filosofia deleuzo-guattariana, em conjunto com a filosofia de Michel Foucault, temos uma perspectiva que recusa as generalizações, ou mesmo o que podemos chamar de Todo, Uno. Há que se lançar então, no fazer cartográfico, e é no momento em que o corpo do pesquisador se depara com o complexo de linhas de cada campo, que o emaranhado de forças e as características dos processos podem ser efetivamente descritos. Cada objeto, cada campo, cada passo cartográfico é único e carece de uma investigação lenta. Na apreensão minuciosa de vestígios e na guinada de olhar, digamos, no abandono da hipótese-norte, libera-se para experimentações singulares, semelhante ao que entenderíamos como Corpo sem Órgãos (CsO), concentrando potências para uma pesquisa inventiva.

Deleuze e Guattari, ao dedicarem-se em suas discussões filosóficas de *L'Anti-Édipe: Capitalisme et schizophrénie*, publicado em 1972, e *Mille Plateaux*, da década de 1980, abordaram especialmente sobre como perceber a superfície enquanto parte mais profunda, sobre a possibilidade de fazer de si um CsO: entre devires, máquinas acoplando-se e desacoplando-se incessantemente, entre fluxos, linhas emaranhadas e relações de poder,

agenciamentos e dispositivos, a recusa da origem, do Uno e do Múltiplo³; a recusa desses para a abertura a multiplicidades. Estamos diante de um fazer filosófico que analisa a experiência humana e que recusa universalismos, transcendências, identidades fixas, que pensa nas circunstâncias e nos acontecimentos. Contudo, a máquina de guerra, o movimento artístico, revolucionário, não acontece senão no campo prático, na concretude do fazer que transforma e cria multiplicidades.

Destarte, utilizamos a escrita como objeto que permite acompanharmos o funcionamento de máquinas de guerra específicas. Escrita que em seu exercício produz ‘escapagens’, faz fugir. E se algumas escritas, em especial, podem ser tomadas como exemplos de máquinas de guerra, senão sinônimos de literatura menor, como *Bartleby, the Scrivener* (1853) e *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, bem como a literatura kafkiana, que, cada qual de seu modo, integraram os apontamentos filosóficos de Deleuze e Guattari, torna-se possível rastrear a contínua emergência de escritas outras revolucionárias, que em cada formação histórica surgem como resistência a diferentes exercícios de poder em voga. Literatura repleta de enunciados coletivos, que é política e que anuncia/enuncia um povo por vir, que elabora dobraduras de criação dentro da própria língua (maior), dentro da própria literatura, máquina que cria fissuras e faz arejar os pilares cristalizados da literatura e da vida (DELEUZE; GUATTARI, 2017).

É nestas máquinas de guerra, às vezes micro-máquinas, que a escrita/literatura maior, de caráter cânone e sacralizado, é recusada em privilégio de ineditismos, que é a criação do novo operando em consonância com a literatura como produção de vida, literatura afirmativa, prática, escrita como luta e saúde. Essa promoção de saúde tem a ver com o que Deleuze (2011, p. 14) entende como “revelar” a vida presente em cada coisa, trata-se do movimento que aciona potências singulares, produz nascimentos, pois consiste na possibilidade de “liberar a vida” aprisionada. Se a doença nesse sentido é entendida como uma interrupção do processo, espécie de não-devir, a escrita pode se apresentar como passagens para o que se encontra impedido e colmatado, literatura trazendo fôlego e agitação ao povo menor e oprimido.

³ O que Deleuze e Guattari (2012a, p. 16-17) afirmam é que um “CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam”. Neste sentido, o CsO não é lugar ou espaço para que as intensidades possam passar, mas é ele que faz passar e circular tais intensidades. É matéria intensa e não formada. Matéria que é igual a energia. O CsO é o ovo pleno, intenso, dinamismos, constâncias e mutações. Então, é preciso diferenciar o Múltiplo da multiplicidade: o primeiro tem a ver com a ideia da existência de um conjunto universal de todos os CsO, enquanto a multiplicidade é a própria multiplicação, o incessante movimento de encontro com um CsO, ou criação de um CsO para si.

Dessa forma, no presente estudo, pretendemos discorrer sobre o objeto escrita e usar alguns intercessores vez ou outra como matéria de exemplificação, sobretudo como material de expressão que em sua performance vemos funcionar máquinas de guerra. Explicamos: diferente de analisarmos enunciados que germinam nas mais variadas escritas, recortamos enunciados que evidenciam o funcionamento revolucionário, no intuito de comprovar a hipótese de que a escrita pode ser prática de resistência tanto quanto técnica de afirmação da vida. Justamente, é a escrita enquanto máquina de guerra que nos interessa. Escrita que funciona como uma resposta às condições de adoecimento e morte em tempos contemporâneos. Poderíamos aqui, problematizar para além da pandemia atual e real ocasionada pela disseminação do novo coronavírus (Sars-CoV-2 / Covid-19), as inúmeras políticas de morte e outros tantos fluxos reativos impedidores de vida que impregnam as diferentes linhas dos dispositivos que se espriam como rede no campo social e historicamente produzido. Contudo, encontramos também *escrevivências*⁴, passagens de vida.

Acreditamos que produzir um diálogo e revisão teórico-filosófica a respeito da escrita como método de resistência é também delinear caminhos possíveis para arejar a realidade que nos sufoca. E se nós demoramos sobre uma materialidade ou outra, se elencamos esse ou aquele enunciado para executarmos nosso projeto, não será com intuito de analisar algum discurso exaustivamente, mas trata-se apenas de um movimento que impede que a discussão se torne demasiadamente abstrata. A escrita é um dos processos onde a máquina de guerra se faz concreta. Alertamos que este texto que aqui construímos funciona como uma espécie de extensão de duas pesquisas maiores que convergem em diferentes elementos, apontando para o objeto que estamos privilegiando, a escrita, a máquina revolucionária-escrita como saúde, ruptura, resistência e (re)invenção.

Encontramos alguns caminhos para nossa reflexão quando Deleuze (2011, p. 11) aponta que “o homem se apresenta como uma forma de expressão dominante que pretende impor a toda matéria, ao passo que a mulher, animal ou molécula, tem sempre um componente de fuga que se furta à sua própria formalização”. Dessa imposição, maciça, pertinente e facínora da dominância-homem, em contraste, destacamos a escrita de Manoel de Barros, a qual é exemplar resistência com seu devir-animal, devir-miúdo, e a escrita de Luiza

⁴ O termo *escrevivências*, formulado pela escritora brasileira Conceição Evaristo, refere-se às histórias da autora sendo contadas a partir de sua perspectiva, em consonância com sua vivência (particular ou coletiva). Trata-se, em suma, da subjetividade da autora em sua escrita. Nas palavras de Evaristo, em entrevista concedida ao *Nexo Jornal* no ano de 2017, essa noção pode ser compreendida como “escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira”. A entrevista na íntegra está disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Romão, que é intensa fuga com seu devir-mulher. Para evidenciarmos que cada máquina de guerra comporta sua singularidade, pretendemos identificar algumas aproximações entre duas dessas, ao mesmo tempo que nos deparamos com as diferenças que não param de emergir entre elas.

A produção-escrita em Barros e em Romão são legítimas máquinas de guerra, protagonizando operações enquanto literatura menor, cada qual em seu fluxo próprio, com suas intensidades próprias, com seus efeitos de sentido extremamente singulares, mas ainda assim, apresentando algumas semelhanças, traçando seus processos e lutas políticas em jogos de experimentação. Entendemos, pois, que a literatura de ambos, enquanto máquinas inventivas, produzem potências e inversões para enfrentar o imbróglio de tristeza e morte que políticas opressoras já tão territorializantes, acabam intensificadas com a atual pandemia. Em meio à desesperança, a discursos e dispositivos que invocam a castração e a canalização das subjetividades, a literatura menor nos faz respirar outros ares. Ousamos dizer que, de certa forma, há máquinas por aí que nos ajudam a enfrentar batalhas, a perceber e a relacionar com o mundo e consigo mesmo de outras maneiras, abrindo-nos às experimentações.

Nesse processo de percorrer pelas tramas discursivas e pelas linhas que se inter-relacionam e se implicam, nossa aposta é na escrita como produção de vida, como no fazer poético de Barros e de Romão, que possibilitam novas existências, experimentações e olhares sobre o mundo e, inclusive, sobre o corpo. É por encontrarmos nas escrevinhanças dos poetas uma potência criativa que vislumbra fissuras, ranhuras e buracos, não apenas em relação ao que se faz com uma língua maior, mas também referente às práticas cotidianas, discursivas e não discursivas (essas que são euro-andro-centradas), que entendemos o quão necessário se faz discutir sobre processos de inventividade, especialmente em vista de um cenário pandêmico caótico que exala desesperança e sofrimento.

A se pensar, em particular, nas posições de resistência ou nesses processos inventivos que tanto citamos acima, Foucault (2020, p. 104-105) pontua que estão sempre imbricadas às relações de poder e vice-versa, de forma que, em meios aos jogos e às teias que estão transpassadas em todo o corpo social, são pontos distribuídos irregularmente, disseminando-se por fluxos e em velocidades alternadas; “com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento”. Entre os dispositivos de poder que respondem a uma dada urgência histórica e que reúnem elementos heterogêneos, tais como o discursivo e o não discursivo, o dito e o não dito, leis, processos econômicos e sociais, práticas, técnicas e procedimentos

(FOUCAULT, 2016), possíveis inversões e práticas de resistência podem emergir. Multiplicidades. Novas ressonâncias e partículas podem ser extraídas e invenções de subjetividade podem atravessar os sujeitos.

Acerca dessas ressonâncias e linhas de fuga possíveis, Deleuze e Guattari (2012a) expõem como podem ser entendidos os movimentos e as estruturas que a noção de multiplicidade comporta. Em relação a pelo menos três principais tipos de linhas que compõem o emaranhado de forças e de vetores que constituem os sujeitos, suas afetações, o mundo e as coisas, os estudiosos apontam para uma *linha relativamente flexível*, em que códigos e territorialidades estão entrelaçados. Há, pois, o princípio de uma segmentarização. Por outro lado, a *linha dura* opera a organização dos segmentos, movimenta os vetores em sentido centrípeto, para dentro; faz funcionar “a sobrecodificação generalizada: o espaço social implica aqui um *aparelho de Estado*”. Em contrapartida, a *linha de fuga* infere um movimento para fora, centrífugo, de ruptura, apresentando um alto coeficiente de desterritorialização e de descodificação: “há sempre algo como uma *máquina de guerra* funcionando nessas linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 112, *grifos dos autores*).

Relacionando tais linhas, respectivamente, às ideias de tribos, impérios e máquinas de guerra, os autores de *Mille Plateaux* trazem uma amostra comparativa a fim de reafirmar que não há um tipo isolado ou demasiadamente sobreposto aos demais. Ao contrário, são linhas que se cruzam e que se implicam. Enquanto a máquina abstrata-Estado, cercada por técnicas, dispositivos, práticas e discursos reguladores, busca os agenciamentos, a conduta, o domínio e a (re)territorialização dos corpos, a máquina revolucionária operando através das linhas de ruptura encontra nas falhas dos agenciamentos molares a possibilidade de escorrer, abrir sulcos e tocas, como uma espécie de rizoma que se alastra pelo solo e lança novos porvires.

Há que se considerar que cada máquina revolucionária, em sua singularidade, está sempre sujeita a ser capturada, principalmente porque reterritorializar significa ser sobrecodificada novamente: entrar “em segmentos estáveis, binarizados, concentrizados, voltados para o buraco negro central [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 115). Acontece que toda máquina de guerra está sujeita a perder o *continuum* de forças e de fluxos que a constitui, ora pelo nomadismo que encontra um lugar, ora pela máquina coletiva que captura sua singularidade. Dessa maneira, afirmamos que uma máquina de guerra apenas sobrevive ao passo que mantém sua potência enquanto devir, e justamente por isso pensamos com a escrita, já que a escrita está “inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível” (DELEUZE, 2011, p. 11). Para sustentar movimentos revolucionários é preciso buscar-fazer

uma escrita que tem a ver com devir, questão de abertura, que tem a ver com o funcionamento da palavra, problema de escrever, de alcançar as fronteiras da linguagem, da palavra enquanto literatura e que é questão de saúde.

Albuquerque Júnior (2020) escreve que é provável que a linguagem humana tenha nascido como artifício de enfrentamento, da dor, do trágico da morte, tensão frente ao indizível. Assim, pela linguagem humana a palavra é forjada no ímpeto de reafirmar a existência concomitante à tentativa de supressão do silêncio. Palavra que também é som. Emissão de som associado à vida, pois a condição do próprio vivo se liga ao ato de produzir sonoridades. A questão é que nossa contemporaneidade se caracteriza pela intensa alienação sonora. Nossa existência é invadida e constituída pelo turbilhão de sons, falatórios, tagarelismos, intensificados e também confrontados dentro da pandemia. Pelo fato de a palavra ser elemento de conexões, perguntamo-nos: como usá-la para evitar a solidão e o isolamento? Contudo, também nos questionamos: como não a usar para conversações constrangedoras numa enxurrada de palavras adoecidas? Como usá-la bem e alimentar escritas revolucionárias, micromovimentos para amparar a vida? Pois, apostamos na escrita que aciona a palavra para funcionar em devir-revolucionário.

Afirmamos que no meio de nossas máquinas de guerra há o verbo. Palavra que vai margeando atenta as verborragias, palavras furtivas e novidadeiras, novas e desadoecidas. Escritas que apresentam palavras que não passeiam nos sulcos farisaicos e não entram nos canais charlatânicos, pois máquinas revolucionárias fazem fugas para mundos possíveis: escapam do autoritarismo, do despótico, passando por entre os escombros das verdades pálidas do capitalismo e de seu parceiro neoliberalismo. Pensando nisso e no período pandêmico que maximiza o trabalho intenso e constante, acumulação, correria e destruição, que intensifica a violência, a disseminação para além do vírus, a partir do qual o dispositivo do ódio e do machismo ganha volume, vimos nas literaturas de Barros e de Romão o exercício de máquinas-potentes-revolucionárias que são capazes de, respectivamente, cada qual de seu modo, transgredir o pensamento dado, valorizar as miudezas componíveis da vida, o mato, o ameríndio, o bicho; fazer existir esse povo-mulher por vir, por meio da denúncia dos dispositivos de massacre contra as mulheres. A escrita resiste.

Experimentando uma máquina de guerra com Barros

Manoel de Barros⁵, escritor, poeta, desde seu terceiro livro publicado, *Poesias* (1947), nos agracia com um estilo que permanece e se repete em todas as suas outras publicações da segunda metade do século XX e início do século XXI. Justamente, é nesse período que vemos funcionar o estilo e o movimento singular de uma escrita como máquina de guerra, ou seja, máquina literária enquanto escrita revolucionária, criativa. Trata-se de um processo de escrita que afirma a vida pela criação de novos sentidos para as palavras, ao mesmo tempo em que subsidia a invenção de novos modos de existência por meio de seus arranjos impensados para a língua, movimentos forjados por palavras. Evidenciamos com Barros um processo de produção de escrita que aciona diferentes devires fazendo claudicar as regras da língua maior, da língua instituída.

Com a poesia de Barros, “deslocamo-nos dos procedimentos certos e experimentamos um não saber, decorrentes de estranhos movimentos do pensamento e do corpo que buscam delirar e transbordar. Assim, afirmamos nossa escolha pela desobediência e criamos outros caminhos” (AMORIM; BARCELOS, 2020, p. 334). Experimentação como entrada em um jogo que escapa de certos enquadramentos para a vida, no sentido de brincar com as palavras a fim de se liberar de sentidos cristalizados que adoecem, marcam e imobilizam os movimentos possíveis. Uma espécie de desaprender para reaprender, e apreender potências com os seres miúdos e as coisas inclinadas à escória.

A escrita com Barros funciona como máquina de guerra poética-literária, escrita singular que produz movimentos do pensamento, campo propício a práticas de resistência. A escrita barroelina se destaca a partir da execução de repetições de um estilo. Repetir o estilo não é repetir uma cópia. Repetir em Barros é repetir um movimento singular. A repetição acontece na escrita com devir, devir-miúdo, devir-animal, devir-traste, devir-criança, devir-inútil, movimento que Carrascoza (2017) entende como estilo do precário, um modo original de produção de escrita. O processo empenhado nessa escrita como prática de resistência elabora uma perspectiva que recupera os seres marginais, plasticidade de sentidos para as palavras alçarem estima aos seres sem função social (CAMARGO, 1996). Dar fôlego aos seres desimportantes, recuperar os inúteis.

Escrita que desacelera o leitor, pautada no gracejo lento demandado pelo processo próprio da contemplatividade. Escrita para elaborar novas perspectivas e outros contornos

⁵ Manoel Wenceslau Leite de Barros, considerado um dos maiores poetas brasileiros, nasceu em Cuiabá em 1916 e morreu em 2014, aos 97 anos, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul (AMORIM; BARCELOS, 2020).

para as palavras, através do jogo e da brincadeira com a composição das frases. É o devir-criança da escrita. Criançar. Brincar com as miudezas das existências, os ínfimos que pedem guinadas do olhar. Ser inútil e ser traste na língua para fabricar desobjetos artísticos com a escrita. A partir de *Compêndio para uso dos pássaros* na poética de Barros (1960), vemos tornar maciço o uso do método de “criançamento de palavras”: faz das inutilidades uma potência para experimentação de ilogismos e combinações impensadas para a escrita (MORAES, 2014). Na escrita vinculada por esse poeta, o criançar é processo que nos dá abertura para ser musgo, caramujo e cisco. É a multiplicidade do Ser, é oportunidade do ser menino se confundir com ser pássaro, por exemplo. Eis o devir-criança. Escrita que abre o corpo para ser água e ser chão, possibilidades de existências outras. É o campo para se enraizar em incestuosidades com o mundo pantaneiro, pois no passo caramújico muitas combinações novas emergem.

Afirmamos que Manoel de Barros é um autor que funciona no movimento intenso da máquina de escrita revolucionária que ativa certa batalha contra a velocidade tresloucada acionada pelo capitalismo. A prática de resistência operada pelas combinações inusitadas e cruzamentos de trastes, trapos e infames em Barros responde escapando da correria e da busca pela máxima produtividade; faz o pensamento fugir da lógica que se orienta por aquilo que é útil e eficaz. É a escrita como engrenagem que articula movimentos desacelerados para o corpo. Perspectiva demorada pelo sujo, o cisco, o lixo, aquilo que a sociedade atual tem jogado fora.

Da sociedade disciplinar proposta pela filosofia foucaultiana, passando pela sociedade do controle apresentada pela filosofia deleuziana, temos dispositivos que operam enquanto redes no campo social, produzindo subjetividades atreladas à eficácia. Trama de poder-saber engendrando corpos dóceis e úteis, corpos capturados pela lógica do empresário de si, produtivos, empreendendo enorme energia para responder ditames mercadológicos que invadem toda a existência. A época atual se configura pela sociedade do desempenho, cujo efeito é uma sociedade cansada (HAN, 2017), subjetividades exauridas, indivíduos conduzidos pelo egoísmo dentro de um efeito rebanho – egogregário –, coordenados pelos ‘mandamentos’ sagrados daquilo que Dufour (2008) entende como “Divino Mercado”. É um empreendimento de guerra operado pela captura e produção de corpos dóceis que possam funcionar na dinâmica de ‘ter’ no lugar de ‘ser’.

Os regimes de forças, micropoderes, são exercícios vinculados por meio de diferentes dispositivos, que indicam aquilo que tem valor, aquilo que deve ser estimado, vangloriado, procurado, comprado. É nesse contexto que a máquina de guerra com Barros elabora

movimentos furtivos para escapar do imperativo de ‘ter’. Sua luta é a afirmação de multiplicidades de existências por vir, criação do incapturado do mercado. É a escrita dos desobjetos, movimento artístico barroelino, com seu devir-lento a combinar com as miudezas do mundo. Estilo que repete possibilidades de conexões confeccionando nascimentos de sentidos para as palavras tão surradas pela lógica do útil e da razão. Escrita máquina-revolucionária que abre um vazio para advir o ‘ser’ contemplador, fazedor de sintonias com insetos, grampos, folhas, gotas, pedras, gravetos e passarinhos.

Eis a promoção de vínculos e trocas, no sentido de fazer aberturas para o corpo, furos que correm linhas para criação de pensamentos e de existências outras. O poeta afirma: “Escuto a cor dos peixes” (BARROS, 1993, p. 24), trazendo fagulhas anômalas para o uso formal da língua. Sinestesia. Sujeito discursivo que funciona na ânsia por ser torto, para se concretizar através do inesperado e impreciso, vazio de certezas, cheio de insetos e aberturas. A escrita barroelina prepara um nomadismo pelos silêncios, recusa os imperativos dos sentidos dados que territorializam as subjetividades, é o embate com as forças produtoras do indivíduo dotado de contornos, limites e pensamentos identificáveis. O lugar de sujeito dos enunciados em Barros é o fragmentado, daquele ser despedaçado que aceita sua condição de abandono para cruzar uma jornada diferente, efetuator de novas combinações.

Vincular uma cosmopolítica entre os diferentes seres e propor mutualismos que promovem relações de comunidade significa dobrar certas linhas da sociedade capitalística. A escrita que abre voz para as aldeias e os ruídos do mato traz elementos para compor vigor para a vida. Desacelerar o pensamento como oportunidade de imaginar novos mundos. Pela escrita, fazer do pensamento o vento que corre por dentro dessas existências puídas pelo neoliberalismo. Para Laval (2020, p. 278), não estamos nem perto de dar fim a esse “sistema de dominação universal, multidimensional, social e econômico, jurídico e político”. É nesse sentido que buscamos as máquinas de guerra constituídas pelo fazer literário no intuito de evidenciarmos práticas que fornecem doses de saúde para potencializar nossos corpos para resistir e lutar.

Responder à confluência de tantas forças e elementos heterogêneos que compõem a sociedade do desempenho, consequentemente do cansaço, consiste em um intenso combate aos ditames do capitalismo, do neoliberalismo, do mercado⁶. Consiste em conseguir inventar maneiras para escapular da trama produtora do sujeito neoliberal, sujeito esse “pilotado”,

⁶ Não colocamos esses termos como sinônimos, cientes de que seria preciso uma exaustiva explanação sobre o significado e funcionamento de cada categoria (capitalismo, neoliberalismo, mercado). Mas colocamo-los na mesma rede entendendo que operam em relativa sintonia na governamentalidade dos diferentes corpos no mundo contemporâneo.

conduzido e seduzido para/nas suas diferentes ações da vida cotidiana, do trabalho ao lazer (LAVAL, 2020). A máquina de guerra com Barros, máquina poética, não está reduzida apenas em uma escrita insubmissa às regras sintáticas, outrora produtora de neologismos, trata-se de uma escrita-prática de resistência que anuncia e denuncia o empobrecimento da vida perpetrado pelos modelos do mercado econômico. Para afirmar a vida, a saúde, precisamos fazer fugir do imperativo da performance, da competição e do agir produtivista, fuga-alimento da composição da escrita barroelina, criação de inúmeras tocas e labirintos para desidentificarmos da territorialização ‘capital humano’, funcionando para não cairmos no imenso triturador de carne que é a lógica da civilização globalitária.

Uma revolução pode se concretizar se reunirmos práticas que identificam e desmantelam essa miríade de forças que produz as subjetividades marcadas pelo egoísmo e competição, esse sujeito empresário de si que desconhece a potência da cooperação e da partilha das potências de vida. As diferentes máquinas de guerra possíveis liberam o pensamento para evidenciarmos melhor aquilo que deve ser combatido, nos alertam daquilo que devemos escapar, nos lançam prudência essencial para saber onde não-habitar, sintetizam fôlego para desobedecer, entendendo a resistência como um ‘saber’ se movimentar e permitir experimentar a intensidade do inacabamento.

Se somos incompletos, as artimanhas mercadológicas nos vendem a ideia da completude, e nos exaurimos guiados por promessas, coerções, embriagados com os excessos oferecidos. Afiramar a vida é defender as diferenças, com suas faltas, seus rasgos e assimetrias, suportar estranheza mudante, uma lentidão, um desagendamento, movimento que cambia afetações com os acontecimentos, na espreita para mudanças e outramentos. Assim, Barros (1998, p. 61) questiona o modo neoliberal de existir:

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
 Nesse ponto sou abastado.
 Palavras que me aceitam como sou – eu não
 aceito.
 Não aguento ser um sujeito que abre
 portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que
 compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
 que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
 Perdoai.
 Mas eu preciso ser Outros.
 Eu penso em renovar o homem usando borboletas.

A mudança é urgente, cabal. Em tempos de dúvidas e cálculos de vidas *versus* números do mercado, temos alguma segurança para revoltar contra os valores – da existência

atual produzida – estabelecidos. Concordamos plenamente com o alerta de Laval (2020, p. 285), pois o “que nos acontece nos dias atuais é apenas uma prefiguração de catástrofes por vir se não mudarmos, desde hoje, as trajetórias econômicas e ecológicas”. Krenak (2019) complementa ao afirmar que a civilização atual é resultado de um intenso processo de fabricar “indivíduos mão-de-obra”, presos nos centros urbanos sedentos para consumir o mundo. Desse modo, acabamos sendo cordiais participantes de um clube que quase sempre apenas “limita nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade” (KRENAK, 2019, p. 13), numa espécie de servidão voluntária. Temos muito a desobedecer. Temos muitas fugas para construir se nosso intuito é recuperar vida.

É nessa perspectiva que a escrita enquanto máquina de guerra se destaca, pois refere-se a um processo de produção da escrita voltado ao devir-minoritário. Escrever para encontrar as minorias e desterritorializar a ordem e o instituído. É isso que faz da escrita uma relação bastante íntima com as linhas de fuga, é a escritura engajada na realidade (DELEUZE; PARNET, 1998). Em Barros, o devir-miúdo e minoritário faz solapar os códigos do grandioso e do útil, suscita fugas para o Eu-neoliberal se enfraquecer para se perder nas desimportâncias, nas multiplicidades de encontros que a poesia oferece, entendendo que a vida não é algo pessoal, objeto acabado, consumível, comprável. A vida é movimento, inacabamento, algo impessoal, encontro, é criação, ela se faz e refaz a cada abertura às intensidades dos acontecimentos.

A máquina disruptiva em Luiza Romão

Por seu turno, Luiza Romão⁷, que é poeta, atriz e *slammer*, traz para o âmbito literário versos que denunciam práticas, discursivas e não discursivas, que desde os primórdios acometem as mulheres. Especialmente em *Sangria*, livro publicado em 2017, as temáticas do útero, do ciclo menstrual e de toda a violência, escancarada e brutal, ou silenciosa e capturante, percorrem as páginas de sua criação em forma de calendário. Cada dia, um poema/*slam*. Cada dia, uma “acontecimentalização” (FOUCAULT, 2006) que põe em jogo as estratégias, as singularidades, as rupturas, enfim, as tramas nas quais os sujeitos e, neste caso, as mulheres enquanto sujeito discursivo, estão atravessadas. Inclusive, a própria exterioridade

⁷ Luiza Sousa Romão nasceu em 1992, em Ribeirão Preto, e reside em São Paulo desde seus dezessete anos (ROMÃO, 2017). É formada em Direção Teatral pela Universidade de São Paulo (ECA/USP) e atualmente é mestranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

à máquina-livro é parte constituinte de sua singularidade: os *slams* dispostos e enredados marcam as vozes que ecoam da cultura e da arte de rua, da poesia falada, cantada e coletiva. Entrelugar: rua e livro, arte das ruas, para as ruas, para todos os cantos. Devir-minoria que funciona como vetor de força poética na/pela palavra. Performar e conversar com as outras tantas vozes que são colocadas à margem em um país cujos traços de desigualdade e de violência persistem desde o período colonial. Colônia que é sinônimo de exploração, submissão, degradação da vitalidade.

Precedente aos nossos apontamentos sobre a produção-escrita de Romão, encontra-se, desse modo, a própria história do *Poetry Slam*, cujo início datado em 1986, em Chicago, marca uma nova modalidade no campo das artes, do esporte, da poesia e da escrita. Conhecida também como batalha de poesia falada ou das letras, chega ao Brasil em 2008 por intermédio de Roberta Estrela D’Alva, com a criação do primeiro *slam* brasileiro, *ZAP! Zona Autônoma da Palavra*. As competições de poesia falada reúnem participantes, *slammers*, que diante de um júri e plateia têm, no geral, até 3 minutos para apresentar poesias/*slams* de sua autoria, sem artifícios musicais ao fundo. Essas batalhas sinalizam não apenas uma nova manifestação artística e cultural em si, mas também social e política. Escapando do típico cenário ‘centros e teatros fechados destinados a um público elitizado’, “os *slams* de poesia vêm se proliferando em grande progressão, organizando vozes que emanam do povo em ágoras democráticas e auto-geridas. Vozes que, juntas, transformam em realidade a possibilidade do encontro, do debate e da celebração” (D’ALVA, 2019, p. 271).

É nesse sentido, da palavra que também é grito, verbo que é capaz de movimentar, transgredir e tencionar, que *Sangria* faz funcionar uma máquina a partir de engrenagens disruptivas forjadas da genealogia do Brasil, “A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO/ matas virgens/ virgens mortas/ A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO” (ROMÃO, 2017, [s.p.]), a acontecimentos recentes: “sua panela de teflon não conhece a fome/ seu milagre faz crescer o bolo,/ [mas não multiplica os pães/ você quer tanto melhorar o b%@sl tio/ mas que humanidade se constrói/ [na mira de um fuzil?” (ROMÃO, 2017, [s.p.]). Trata-se de uma máquina-escrita revolucionária que recusa os agenciamentos molares que tendem a reduzir as produções de subjetividade em um acelerado ritmo docilizante.

Ou como coloca Fernandes Júnior (2020, p. 180), notamos nas palavras de Romão que “presente e passado, passado e presente se misturam, um jogando luzes (ou sombras?) ao outro”. Em meio às discontinuidades da história, práticas, processos e fluxos incansáveis e inesgotáveis não cessam de penetrar nos sujeitos e em seus corpos. Corpos que também são materialidade e espaço de inscrição para enunciados possíveis, “superfície de inscrição dos

acontecimentos (enquanto a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização” (FOUCAULT, 2017, p. 65).

Há um *continuum* de forças que sob a perspectiva do útero, de dentro para fora, fazem pulular novas experimentações e afetações. Abrem sulcos para novos olhares sobre o passado, o presente e o que ainda está por decorrer, ao passo que “há um devir-mulher que não se confunde com as mulheres, com seu passado e seu futuro, e é preciso que as mulheres entrem nesse devir para sair de seu passado e de seu futuro, de sua história” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 1). Refere-se, sobretudo, aos movimentos de velocidade e de lentidão que, a partir da extração de partículas de blocos distintos, zonas de vizinhança são formadas. Entrelugares que resultam noutra formação.

Ora, devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmo transformar-se nela. [...] nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhança de uma microfeminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 71).

Esse vetor de força presente na literatura de Romão não se restringe particularmente às mulheres, mas sim a um fluxo de experimentações e de afetações que pode escapar às dominações euro-andro-centradas e falocêntricas. Isso significa que não são apenas as mulheres que podem entrar em um devir-mulher, embora possamos afirmar que não há, noutra viés, um ‘devir-homem’ a ser exercido, uma vez que “o homem é majoritário por excelência, enquanto os devires são minoritários” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 92). Do homem surgiram (e surgem) incontáveis processos canalizantes e coercivos:

DIA 4. IDIOMA MATERNO

não à toa

terra é substantivo feminino

a ela pertenciam os homens

(e não o contrário)

não à toa

neutralidade termina em "o

(uma língua dominada não comporta assovios)

não à toa

casamento, propriedade

[...]

(ROMÃO, 2017, [s.p.]).

Por meio da palavra, outros sentidos e possibilidades vão sendo traçados. É mediante a escrita que a máquina de guerra emerge e é capaz de desterritorializar, entrar em um devir nômade ao ponto de estremecer, romper e rachar com as coisas dadas. É capaz de trincar e fazer implodir formas padronizantes que sugam as potências inventivas, de si para si, de si com os outros e com o mundo. Não apenas em *Sangria*, mas também em *Coquetel Motolove*, cuja primeira publicação fora em 2014, encontram-se a recusa e a denúncia dos universalismos e dos dispositivos de controle desde a relação com o próprio uso da linguagem: os jogos de sentido, o não-uso de letras maiúsculas, a sonoridade que pulsa, grita e faz gritar. Traços que fazem aproximar do que Deleuze e Guattari pensam sobre a literatura menor, cujo teor inventivo, coletivo e político é característica. “A linguagem deixa de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 47).

Tal tensionamento faz com que o leitor, ao se deparar com a máquina-livro em questão, seja conduzido por um fluxo de intensidades que mesclam, em cadência alternada, a denúncia e apelo para a vida, ou como bem descreve Heloisa Buarque de Hollanda (2017, [s.p.]), “esse mesmo corpo feminino, milenarmente construído e controlado por uma perspectiva e sensibilidade masculinas, que agora volta, vigoroso, como plataforma mais adequada para a expressão e o enfrentamento feministas”. O que acontece é que enquanto o livro-calendário escancara uma descontinuidade histórica que sempre acometeu as mulheres de inúmeras maneiras, há o grito engendrando luta e resistência. O conjunto da produção, poesia falada-livro, emana coletividade e vozes plurais. A escrita pode afetar o leitor. É um misto de aflição e de convite. Escrita que escancara uma diferença no olhar para si e para o mundo em atividade, no sentido da máquina que funciona pela palavra escrita criando novas formas de ser, viver e perceber as coisas. Escrita que lê as tramas de forças.

A máquina de guerra com Luiza Romão coloca em evidência o massacre dos corpos, descortina o vampirismo civilizatório que suga as potências criativas e sabota o exercício do cuidado de si e de possíveis práticas de liberdade. Escrita-denúncia, enfrenta a violência que coage e marca os corpos e as subjetividades. Escrita-guerrilha, contra o que coíbe escolhas, embate ao que castra a liberdade, enfrentamento dos imperativos sobre a própria sexualidade, que controla parte da existência. Mas é certamente em meio à ritmada e certa escolha das palavras que a *Sangria* que jorra a cada página, como um soco no estômago, sentencia: “vá embora com seu bisturi” [...] “SEI SANGRAR POR MIM MESMA” (ROMÃO, 2017, [s.p.]). É embalado por esse jogo sinestésico que a máquina revolucionária gradualmente se forma e tende a minar os agenciamentos molares sustentados pelas técnicas de controle.

Com Romão somos convidados a não sangrar em silêncio. Não aceitar. Movimento. Escrita, grito, denúncia. Fluxo que balança a estrutura do mesmo, faz vacilar a produção de subjetividade calejada/acostumada com o estupro e a morte. A máquina interrompe a certeza daquilo que sempre foi e teima que assim continuará. Nesse sentido, não é só um ‘basta’. É ‘basta’ que também arrasta o corpo para o baile da luta. Há, pois, uma escrita máquina potente-poética que torna possível a irrupção de múltiplas saídas e aberturas para invenções de subjetividade que possibilitam experimentações de vidas possíveis, processo desadoecedor.

Máquina disruptivo-escrevente que elabora possibilidades. Insubmissa ao instituído, se movimenta positivamente a perfurar sulcos vazadores de intensidade. Escrita promotora de rachaduras para que a magia da diferença se desdobre em mil fios solapando os limites do território. Uma máquina de guerra que movimenta com a escrita, e pela escrita confecciona a feitiçaria promotora de ineditismos, do impensado e do inimaginável, configura movimentos. Escrita como devir. “Se o escritor é um feiticeiro é porque escrever é um devir, escrever é atravessado por estranhos devires que não são devires-escritor, mas devires-rato, devires-inseto, devires-lobo, etc.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 21), estratégia discursiva do devir-revolucionário a liberar possibilidades de vida.

Apontamentos finais

Embora nossas discussões tenham explorado duas poéticas distintas, não nos esgotamos em reiterar que tanto Barros quanto Romão fazem funcionar engrenagens muito particulares forjadas na inquietação, na criatividade e na (re)invenção. A partir desses traços inventivos, que tanto os aproximam, observamos fervilhar afetações, como num solo fértil em que um rizoma se alastra e não se pode definir o seu início, suas pontas ou calcular seu alcance. Similar a esse movimento, a máquina de guerra poliniza potência em diferentes estratos com os quais tem contato e que deles busca se desvincular. Movimento transversal. Desierarquização. Devir-imperceptível que, por meio da escrita e a partir dela, traça novas percepções e experimentações. É capaz de tencionar a linguagem ao ponto de sacudir o que há de mais cristalizado, empoeirado e absorto.

Ambas as produções, que na presente reflexão tratamos como máquinas revolucionárias, sinônimos de uma literatura menor, foram assim consideradas por, a um só tempo, serem tanto denúncia – do niilismo, dos modos capitalísticos de ser e viver, da

violência que desde os primórdios do Brasil recai sobre as minorias, do autoritarismo e de demais práticas que castram os sujeitos, interrompem sonhos e tornam estéril a imaginação de outros mundos –, quanto política, desterritorializante e plural. Não podemos deixar de mencionar também o quanto as práticas dissimuladas, micropoderes que furtam nossas subjetividades e abominam a produção da diferença, passam rapidamente a práticas violentas. Vemos, desde o início de 2020, os efeitos diretos e colaterais produzidos por uma pandemia que afeta o mundo de inúmeras maneiras.

A se pensar na batalha pela vida, dentre muito do que fora noticiado até o presente momento, além da política de morte que tanto sucumbe o povo brasileiro à desesperança, o medo, agora amplificado, tem sido elemento ‘incondicional’ da realidade de grande parte das minorias, das mulheres vítimas de violência que se veem obrigadas a conviver com seus algozes, dos indígenas que assistem ao fogo destruir seu mundo, negros sendo encarcerados e assassinados com base no racismo estrutural; a precarização, a miséria, o desemprego e a fome se elevam a taxas cada vez mais absurdas. É a agressão deliberada contra as diferenças, ação corrosiva contra a vida.

Pensando nisso, no dia 1 de maio de 2020, a ONU Mulheres Brasil tornou pública uma campanha de prevenção da violência contra as mulheres em tempos de isolamento social. Veiculada no *YouTube* e em intervalos das programações do GNT e da Globo, a mobilização enfatizou o quanto é importante a vizinhança estar atenta a sinais, como ruídos, gritos e batidas que indicam a ocorrência de algum tipo de agressão (ONU, 2020). Outra campanha com grande repercussão nas mídias digitais e televisivas foi lançada no dia 10 de junho do mesmo ano, pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em conjunto com a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), cujo principal objetivo é incentivar a denúncia de violência doméstica: o desenho vermelho de um X na palma da mão é um sinal de pedido por ajuda e, ao exibi-lo “ao farmacêutico ou ao atendente da farmácia, a vítima poderá receber auxílio e acionar as autoridades” (CNJ, 2020, [s.p.]).

Ainda que essas e outras mobilizações tenham sido compartilhadas, uma rápida pesquisa na internet já é suficiente para observarmos que houve um aumento gritante desse tipo de violência no Brasil e no mundo, como evidenciam as matérias publicadas pelo G1⁸ e

⁸ Matéria intitulada “Com restrições da pandemia, aumento da violência contra a mulher é fenômeno mundial”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/23/com-restricoes-da-pandemia-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-e-phenomeno-mundial.ghtml>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

pela UNHCR - ACNUR, Agência da ONU para Refugiados Brasil⁹. Os mecanismos de destruição e violência são múltiplos, atentam contra os corpos e os campos das minorias, estratégias de morte amplamente intensificadas no contexto da pandemia de Covid-19. Vimos acontecer, nesse mesmo cenário, o afrouxamento dos artifícios de proteção ao meio ambiente e a deliberada incitação à devastação e a queimadas dos biomas nacionais brasileiros, principalmente nas regiões pantaneira e amazônica¹⁰. O desmatamento e os incêndios presentes em 2019 se repetem em 2020¹¹. Destruição deliberada que ceifa e reduz as diversidades de fauna e flora, além de induzir a perpetração de um genocídio contra os povos indígenas, rendendo denúncias ao Tribunal Penal Internacional em Haia contra o Presidente da República em exercício no Brasil¹².

Nos últimos anos acompanhamos inúmeras reformas – trabalhista e da Previdência – que limitam e retiram conquistas e direitos básicos da população, além de repetidos ataques às instituições que sustentam o acesso gratuito à Educação e à Saúde em território nacional. São linhas dos dispositivos de poder subsidiando a redução das possibilidades de uma vida plena, adoecendo as existências possíveis. Logo, atemporais, as escriturinhas de Barros e de Romão, assim como outras possíveis, evidenciam certos efeitos da produção de subjetividades específicas, subjetividades neoliberais, misóginas, egoístas, que incidem em todos os corpos: uns marcados como consumidores de vida, carnívoros estraçalhando todas as peles, solos e existências, e nas margens as minorias que serão meios para a cruzada de destruição desses sujeitos déspotas com sua sede infinita de sangue e ‘sucesso’. Os tempos de crise têm se tornado oportunidade para intensificação do adoecimento do mundo. É urgente resistir. As máquinas de guerra engendradas na produção da escrita são práticas que permitem o pensamento angariar potência para a luta tão necessária.

Em meio ao que deveria ser a maior preocupação momentânea (conter o contágio do coronavírus), assistimos às investidas contra a saúde pública, propagação de mentiras orquestradas por gabinetes de ódio, incitação a dissidências e ataques contra a democracia. Práticas fascistas. Veiculação do negacionismo. Reatividade contra o pensamento afirmativo.

⁹ Publicação intitulada “Violência contra a mulher aumenta durante a pandemia de covid-19”. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2020/11/25/violencia-contra-a-mulher-aumenta-durante-a-pandemia-de-covid-19/>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

¹⁰ Acompanhe a matéria que evidencia o Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, como um dos atores fundamentais dessa cena de destruição, disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

¹¹ Publicação da organização de proteção ambiental WWF, disponível em: <https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/amazonia__desmatamento_e_queima_das_uma_nova_tragedia_em_2020/>. Acesso em: 7 jan. 2021.

¹² Ver mais em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2019-11-29/bolsonaro-e-denunciado-por-incentivar-genocidio-de-indigenas.html>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

A intolerância circula como um vírus. A qualidade de vida é ininterruptamente precarizada histórica e socialmente por meio de discursos patriarcais, sexistas, extremistas, utilitaristas e mercadológicos que sustentam outras práticas, às vezes autoritárias e genocidas. Nesse território de desesperança e tristeza vemos a escrita e a potência do pensamento escapar poeticamente enquanto ares para a saúde de existências possíveis.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A palavra como luto e como luta**. Textos pandemia crítica. São Paulo: *n-1*, 2020. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/69>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

AMORIM, Marcelo Vinicius Costa; BARCELOS, Tânia Maia. Entre palavras e imagens: o que se passa? **Revista Ecos** - estudos contemporâneos da subjetividade, v. 10, n. 2, p. 329-340, 2020. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2899/1702>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

BARROS, Manoel de. **Poesias**. Biblioteca Manoel de Barros [coleção]. São Paulo: Leya, 2013 [1947].

BARROS, Manoel de. **Compêndio para uso dos pássaros**. Biblioteca Manoel de Barros [coleção]. São Paulo: Leya, 2013 [1960].

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. Biblioteca Manoel de Barros [coleção]. São Paulo: Leya, 2013 [1993].

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista enquanto coisa**. Biblioteca Manoel de Barros [coleção]. São Paulo: Leya, 2013 [1998].

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. Prefácio. In. ROMÃO, L. **Sangria/Sangría**. Fotografia de Sérgio Silva. Tradução Martina Altaief. São Paulo: Selo do Burro, 2017.

CAMARGO, Goiandira de F. Ortiz de. **A poética do fragmentário**. Uma leitura da poesia de Manoel de Barros. 1996. 310f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

CARRASCOZA, João Anzanello. O consumo, o estilo e o precário na poesia de Manoel de Barros. **Bakhtiniana** - Revista de Estudos do Discurso, v. 13, n. 1, p. Port. 5-16 / Eng. 6-18, nov. 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/33491>>. Acesso em: 20 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457333491>

CNJ. Conselho Nacional de Justiça. **Justiça lança campanha nacional para incentivar denúncia de violência doméstica**, 9 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/justica-lanca-campanha-nacional-para-incentivar-denuncia-de-violencia-domestica/>>. Acesso em 23 jan. 2021.

D'ALVA, Roberta Estrela. SLAM: voz de levante. **Rebento**, São Paulo, n. 10, p. 268-286, jun. 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 3. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 4. Tradução Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DUFOUR, Dany-Robert. **O Divino Mercado: a revolução cultural liberal**. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. Discurso, poder e resistência em *Sangria*, de Luiza Romão. In: BRAGA, A.; SÁ, I. (orgs.). **Por uma microfísica das resistências: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 179-204.

FOUCAULT, Michel. 1980, Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV - Estratégia, poder-saber**. Manoel Barros da Motta (Org.). Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 335-351.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020. (Coleção Biblioteca de Filosofia)

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAVAL, Christian. A pandemia de Covid-19 e a falência dos imaginários dominantes. **Mediações** - Revista de Ciências Sociais, v. 25, n. 2, maio/ago. 2020. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/39870/pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2021. p. 277-286. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2020v25n2p277>

MORAES, Paulo Eduardo Benites de. **Manoel de Barros**: poeta antropófago. 2014. 116f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

ONU Mulheres Brasil. **Isolamento social** - prevenção da violência contra as mulheres. 2020. 40 s. son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LDP4xW-a8-A&feature=emb_title>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ROMÃO, Luiza. **Sangria/Sangría**. Fotografia de Sérgio Silva. Tradução Martina Altalef. São Paulo: Selo do Burro, 2017.

Recebido em: 31 de janeiro de 2021

Aceito em: 27 de abril de 2021